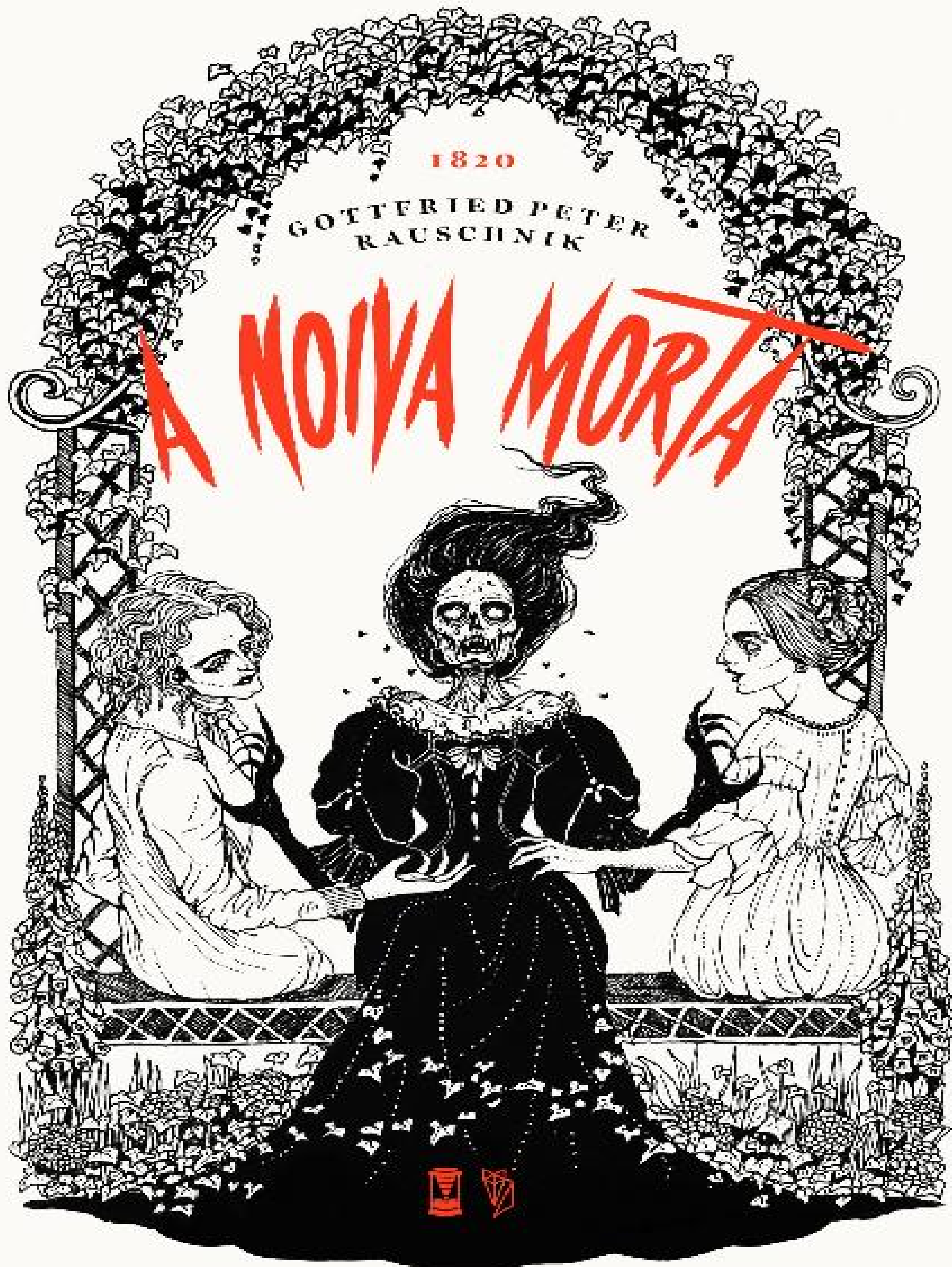
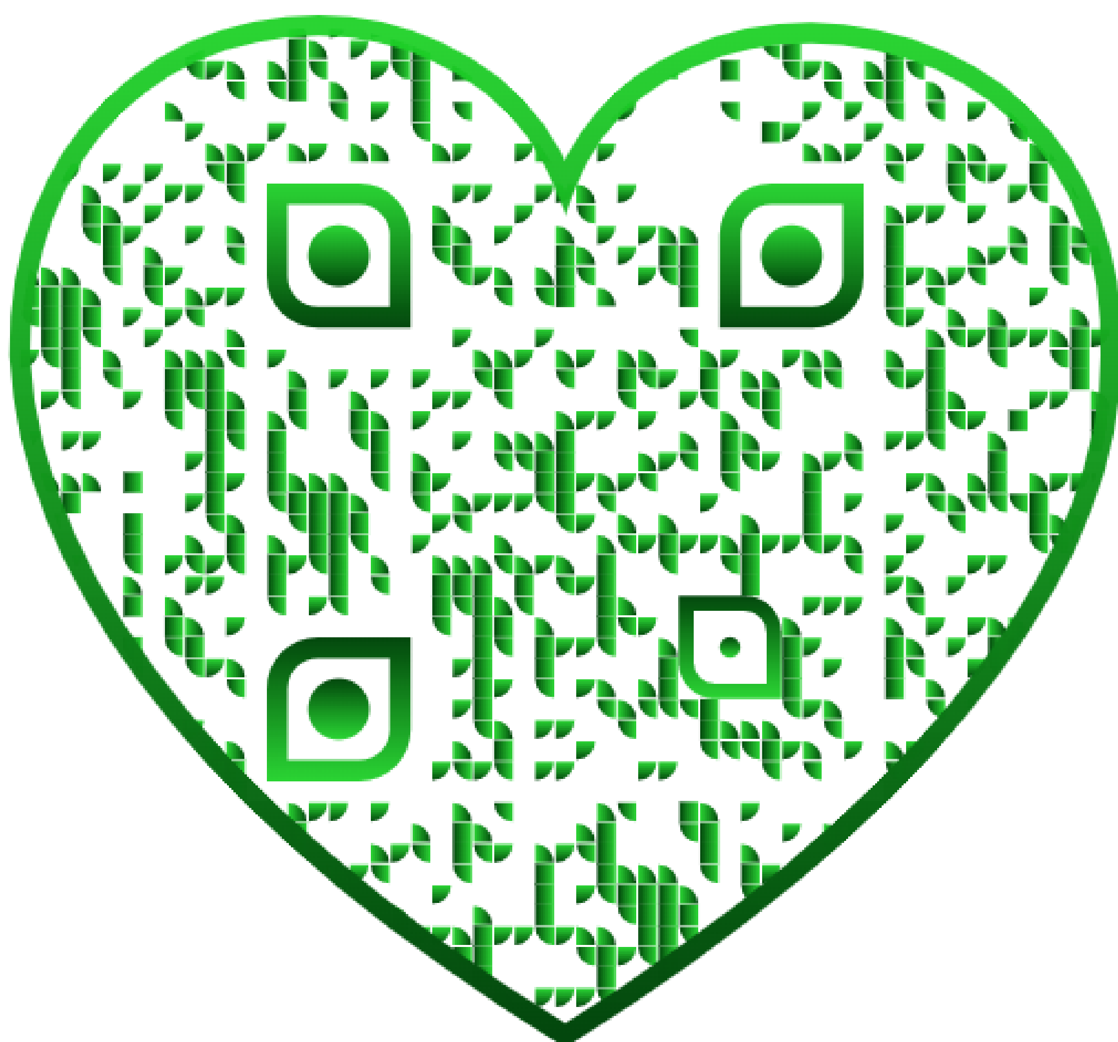
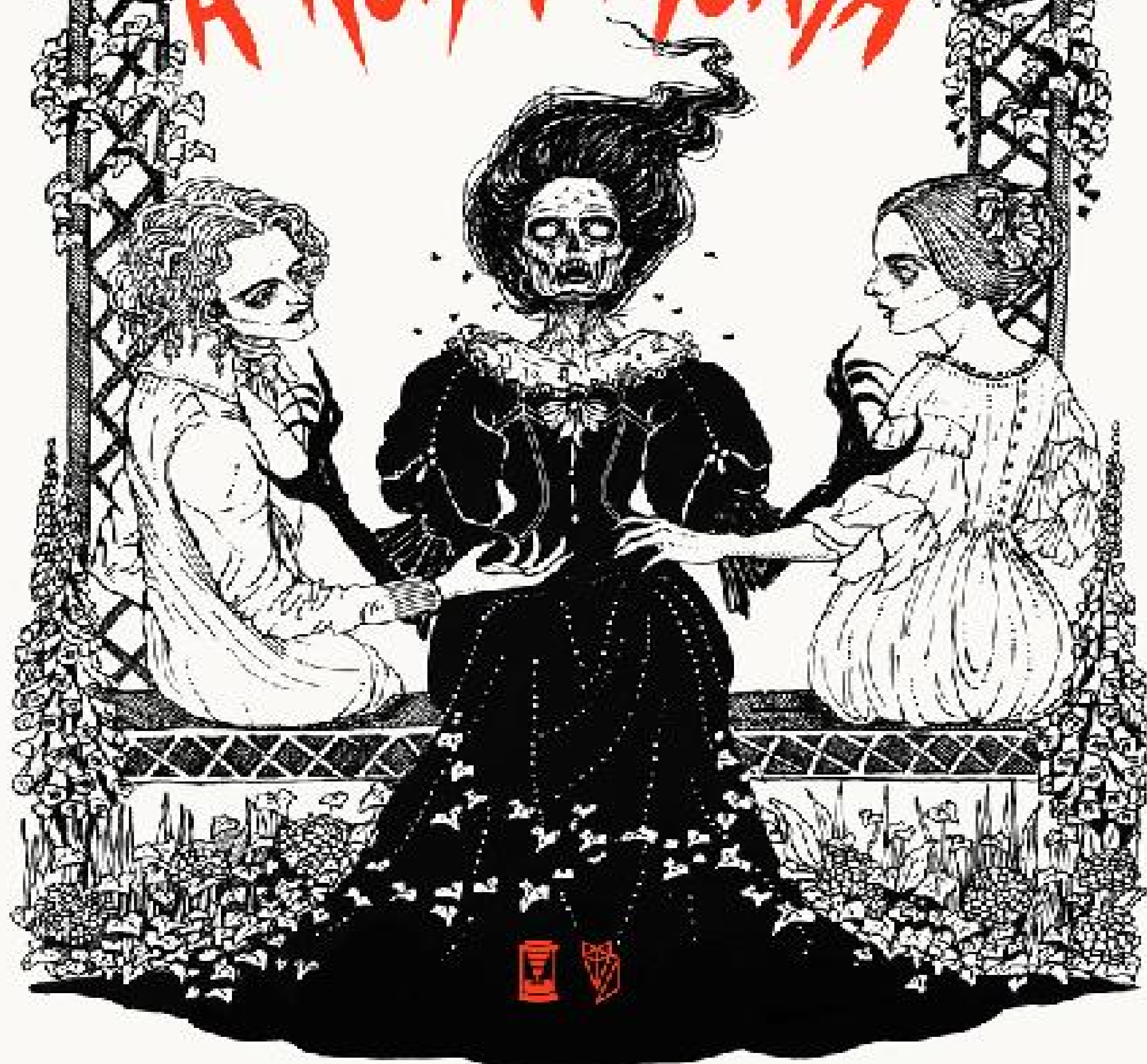

1820
GOTTFRIED PETER
RAUSCHNIK
A NOIVA MORTA



1820

GOTTFRIED PETER RAUSCHNIK

A NOIVA MORTA



MUITO OBRIGADO POR APOIAR ESTA CAMPANHA!

A Noiva Morta, conto raro em formato digital, é um brinde gratuito a todos os apoiadores da campanha e foi alcançado como uma meta estendida.



Tradução e notas:
FELIPE VALE DA SILVA

Edição e prefácio:
CID VALE FERREIRA

Preparação:
CRISTINA LASAITIS

Revisão:
BÁRBARA PARENTE

Projeto gráfico:
MARINA AVILA

Ilustração de capa:
CAROLINE MURTA

ISBN:
978-65-88218-81-5

Este material tem direitos de tradução e projeto gráfico e não pode ser reproduzido sem prévia autorização das editoras. Copyright © 2022 by Editora Clepsidra e Editora Wish.

Apresentação

CID VALE FERREIRA

Embora tenha desfrutado de um crescente interesse de leitores e pesquisadores nas últimas décadas, a literatura de temática vampírica ainda apresenta lacunas significativas no mapeamento de sua história, especialmente devido ao grande número de obras consideradas perdidas e aos inúmeros títulos jamais reeditados e/ou traduzidos. Entre os países que reúnem uma grande quantidade de contribuições ainda carentes de projeção, a insuspeita Alemanha é um dos que mais concentram títulos importantes que precisam ser reencontrados, reeditados, traduzidos e devidamente analisados. Essa situação de aparente descaso não deixa de causar certa surpresa, uma vez que alguns dos primeiros tratados, poemas e narrativas ocidentais a respeito de vampiros foram justamente escritos em alemão. Além disso, a presença do tema na arte germânica não foi apenas pioneira, mas gozou também de notável prestígio, emplacando inúmeras referências de influência internacional, até seu protótipo goethiano ser eclipsado pela publicação do conto "The Vampyre" ("O Vampiro", 1819), de John William Polidori, iniciador da longeva linhagem de mortos-vivos de alta estirpe formada por Ruthven, Azzo, Varney, Karnstein, Drácula etc.

O fato de o conto de Polidori ter exercido uma avassaladora influência nas narrativas vampíricas alemãs imediatamente posteriores à sua publicação pode ter contribuído para que a crítica daquele país olhasse para essa produção de uma maneira bem pouco lisonjeira. De fato, o primeiro estudo de fôlego sobre a presença de vampiros na produção alemã, *Die Vampirsagen und ihre Verwertung in der deutcher Literatur* (1900), de Stefan Hock, chega a taxar o grosso dessa tradição como mera derivação e mesmo como plágio, o que qualquer investigação menos intolerante pode identificar como um inequívoco exagero.

Independentemente da frustração experimentada pelos primeiros estudiosos da literatura vampírica alemã, seja lá qual tenha sido sua expectativa, o trabalho recente de pesquisadores como Christian Nikolaus Opitz e Oliver Kotowski vem resgatando um panorama diversificado e esquecido de uma tradição que o rigor germânico preferiu tratar durante mais de um século como parte da "literatura trivial" indigna de maior atenção acadêmica, o que finalmente vem dando sinais de mudança. Suas antologias são hoje um manancial precioso para os aficionados e pesquisadores dedicados ao tema, que finalmente podem debruçar-se sobre um

material-fonte que permanecia sem reedições, além de apresentarem paratextos indispensáveis com considerações acerca de seu contexto de produção.

Um primeiro passo para entendermos o peso da contribuição germânica para a literatura vampírica é rememorar a constituição e a extensão do Sacro Império Romano-Germânico (962-1806), que, nos séculos XVII e XVIII, abarcava porções que iam do atual leste da França até territórios que hoje integram a Polônia e a República Tcheca. Nesse período, a diversidade étnica e linguística do império facilitava uma prodigiosa integração com outras populações, especialmente as advindas de culturas latinas, eslávicas e balcânicas.

Grosso modo, poderíamos descrever os vampiros plasmados na cultura germânica como um amálgama que bebeu de diferentes veias desse corpo gigantesco: os tratados que investigavam os cadáveres que permaneciam incorruptos e/ou os enterrados vivos que pareciam ter mastigado o forro de seus caixões (em tentativas desesperadas de se exumarem), como os descritos na *Dissertatio Historico-Philosophica De Masticatione Mortuorum* (c. 1679), de Phillip Roth; o *Nachzehrer* folclórico (uma pessoa morta sob circunstâncias extraordinárias, como um acidente repentino ou o suicídio, que, direta ou indiretamente, exercia uma influência nefasta e por vezes fatal nos arredores de seu túmulo); e os vampiros propriamente ditos alardeados pela notória e infame perícia *Visum et Repertum* (1732), assinada pela junta médica liderada por Johannes Fluchinger (ou Flükinger), que ao mesmo tempo constatou o “estado vampírico” de cadáveres exumados na Sérvia e reproduziu algumas das crendices locais sobre o caráter contagioso dessa condição, tornando-se o estopim de uma histeria vampírica de proporções continentais.

Na poesia, temos na língua alemã um exemplar seminal do tratamento da lenda em um poema de Heinrich August Osselfender conhecido como “Der Vampyr” (“O Vampiro”, 1748) ou pelo seu primeiro verso (“Mein liebes Mägdchen glaubet”), publicado no periódico *Der Naturforscher*, que havia repercutido informações originalmente difundidas pelo *Visum et Repertum*. Neste curto poema considerado hoje o primeiro exemplar do gênero, o eu lírico propõe um brinde de vinho aos vampiros e promete vingar-se sugando o sangue da jovem que o rejeitara por imposição de sua mãe, que temia o ataque de desmortos.

O tema só ganhou relevância poética, porém, quando um gigante das letras alemãs, ninguém menos que Johann Wolfgang von Goethe, deu início ao processo que se tornou usual na época: o resgate de um enredo consagrado, que surge remodelado de modo a carregar inequívocos traços vampíricos. Em 1797, uma passagem do “Livro dos Milagres”, do grego Flégon de Trales (século II), serve-lhe

de base para a criação da balada "Die Braut von Korinth" ("A Noiva de Corinto"), na qual uma virgem falecida volta para beber o sangue do ex-noivo e para saciar desejos carnais não consumados que haviam sido sepultados com sua morte precoce.

Graças a esse impulso, outros autores sentiram-se como que autorizados a embrenhar-se nessa temática, mas aquela que poderia ser considerada a primeira narrativa em prosa sobre vampiros, um romance de três volumes intitulado *Der Vampyr* (1801), de Ignaz Ferdinand Arnold, deixou apenas poucos rastros de sua existência em anúncios contemporâneos sobre sua publicação. Deduz-se, portanto, que a obra não chegou a sair do prelo ou, caso tenha circulado, que nenhum exemplar tenha sobrevivido, configurando a maior de todas as lacunas aos interessados em reconstituir a trajetória da assimilação da lenda pelos literatos europeus.

Nos primeiros anos do século XIX, diversos outros autores ofereceram suas contribuições ao tema em verso e em prosa, especialmente no Reino Unido e na própria Alemanha – como Southey, Stagg, o anônimo responsável pelo romance *Der Vampyr oder die blutige Hochzeit mit der schönen Kroatin* (1812), Tieck, Byron, Coleridge etc. –, até que a *The New Monthly Magazine* publicou (atribuindo-o a Lord Byron, de forma bastante oportunista) o supracitado conto de John William Polidori, que havia se baseado em um fragmento inacabado do poeta londrino (para quem trabalhava como médico particular). Traduções e adaptações do conto (com outras narrativas, dramas, poemas e mesmo uma ópera) multiplicaram-se rapidamente, e os autores empenhados em assimilar em sua produção esse novo protótipo de vampiro (byroniano, nobre e fatal) deram-lhe as mais diversas roupagens, do tom satírico e mordaz do conto estadunidense "O Vampiro Negro" (1819), de Uriah Derick D'Arcy, que trata de um vampiro africano levado por um navio negreiro à Ilha de São Domingos (Haiti), até derivações mais solenes perpassadas de nostalgia medievalista que mesclaram o novo motivo literário a fórmulas consagradas da *Schauerliteratur* e das *gothic tales*, como o conto "Die Todtenbraut" ("A Noiva Morta", 1820), do prussiano Gottfried Peter Rauschnik.

Conforme os raros registros sobre Rauschnik, sabemos que ele nasceu em 1778 ou em 1779, na cidade de Königsberg (atual Kaliningrado). Depois de exercer a medicina e desempenhar funções administrativas como funcionário público, ele teria recebido uma herança que antecipou sua aposentadoria e permitiu-lhe dedicar mais do seu tempo a atividades como o jornalismo e a literatura. Sua coletânea *Päonien* (1820) reúne em dois volumes uma produção que se inspirava nas narrativas romanescas e nas antigas sagas nórdicas para criar novas composições de forte caráter romântico. Assim como Goethe explicitou elementos vampíricos ao

reconstruir a narrativa de Philinnion, e assim como Polidori criou o vampiro de cariz byroniano ao expandir e concluir o fragmento sobre Augustus Darvell, Rauschnik baseou-se na Noiva Morta, personagem tradicional do imaginário fantasmagórico alemão, para compor "Die Todtenbraut".

Dentre as inúmeras narrativas que deram forma literária à lenda da Noiva Morta, a noveleta "Die Todtenbraut" ("A Noiva Morta", 1811), de Friedrich Laun, é indubitavelmente a que alcançou maior destaque. Publicada no segundo volume da coletânea *Gespensterbuch* ("*Livro dos Fantasmas*", em tradução livre), essa narrativa foi traduzida para o francês por Jean-Baptiste Benoît Eyriès, que a incluiu em sua antologia *Fantasmagoriana* (1812) – não por acaso, justamente o livro que inspirou o concurso que deu origem ao fragmento de Byron transformado posteriormente no conto "The Vampyre" por Polidori. Na versão de Laun, a Noiva Morta é um espectro auxiliado por um capelão fantasma. Sua sina é tomar a forma de beldades falecidas para tentar jovens noivos nas vésperas de seus casamentos, buscando aquele que resistirá aos seus avanços para, dessa forma, dissolver a maldição que a aprisiona.

O impacto da noveleta foi notável e, além de ter sido traduzida ao francês por Eyriès, ela também foi incluída pela britânica Sarah Elizabeth Utterson em *Tales of the Dead* (1813), que reunia versões abreviadas de cinco das oito narrativas de *Fantasmagoriana*. Além disso, para ilustrar outros marcos de sua trajetória, apenas no ano de 1833 essa noveleta inspirou outras duas importantes derivações: um reconto homônimo por F. Selt (pseudônimo de Moritz Gustav Bauschke) no primeiro volume da coletânea *Sagen aus Breslaus Vorzeit* e uma continuação britânica por M. L. Beevor, publicada como "A Second Story of the Death Bride" ("Uma Segunda História da Noiva Morta"), veiculada no periódico *The Ladies' Pocket Magazine*.

Publicada nove anos depois do surgimento da versão de Laun no *Gespensterbuch*, a derivação vampírica criada por Rauschnik consta do segundo volume de *Päonien* e não poderia ser considerada uma mera "cópia acrescida de elementos vampíricos", uma vez que reutiliza apenas alguns dos elementos do enredo original. Sua narrativa aborda a dificuldade da linhagem do conde de Zellenstein em garantir a continuidade do seu sangue, já que os filhos da família falecem misteriosamente um após o outro. Quando apenas Leodogar, um desses filhos, permanece vivo, ele recebe a visita inesperada da marquesa de Val Umbrosa, que passa a ameaçar sua união com Eugenie, a quem sua mão estava prometida.

Apesar de resgatar elementos tradicionais das histórias de fantasma daquele país (alterando alguns de seus elementos, como a fixação da marquesa em perseguir

apenas os membros de uma única família e a ausência de informações sobre ela ter se apropriado da aparência de jovens mortas), o conto inclui inovações notáveis, como a jovem louca capaz de vislumbrar através das ilusões da vampira e o cônego versado em artes arcanas que prefigura investigadores do sobrenatural e caçadores de vampiros como Martin Hesselius (personagem de Le Fanu) e Abraham Van Helsing (de Stoker).

Até onde pudemos averiguar, não foram lançadas outras traduções deste conto, o que faz com que esta publicação seja a primeira a romper a barreira da língua para disponibilizar essa joia esquecida para além da germanofonia, uma amostra do nosso esforço em eliminar as lacunas que ainda impedem uma apreciação mais profunda e variada da literatura de inspiração vampírica.

Cid Vale Ferreira é bacharel em Letras, livreiro e editor. Desde 2016, é sócio do Sebo Clepsidra, empresa que reúne uma editora independente focada na literatura gótica e três sebos-livrarias no estado de São Paulo. À frente da editora, coordena sua curadoria e o processo de edição e produção. Em 2018 fundou a Coesão Independente, coletivo que reúne mais de 100 editoras independentes. Como organizador, publicou *Voivode: Estudos Sobre os Vampiros* (2003, Pandemonium) e *As Trevas e Outros Poemas de Lord Byron* (2007, Saraiva).

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

BEEVOR, M. L. *Uma Segunda História da Noiva Morta*. Trad. Carlos Primati (São Paulo: Sebo Clepsidra, 2021).

BRADLEY, Rory E. The Enlightening Supernatural: Ghost Stories in Late Eighteenth Century. (Tese de Doutoramento em Estudos Germânicos) – University of North Carolina. Chapel Hill, 2016.

LAUN, Friedrich. A Noiva Morta. In: EYRIÈS, Jean-Baptiste Benoît. *Fantasmagoriana*: Antologia de Histórias de Aparições, Espectros, Redivivos, Fantasmas etc. Trad. Sabrine Ferreira da Costa (São Paulo: Aetia Editorial/Sebo Clepsidra, 2021, pp. 136-169).

_____. Die Todtenbraut. In: LAUN, Friedrich; APEL, Johann August. *Gespensterbuch*. v. 2 (Leipzig: G. J. Goschen, 1811, pp. 1-72).

HOCK, Stefan. *Die Vampirsagen und ihre Verwertung in der deutscher Literatur* (Berlim: Forschungen zur neueren Litteraturgeschichte, 1900).

KOTOWISK, Oliver (ed.). *Lasst die Toten ruhen*: Deutsche Vampirgeschichten aus dem 19. Jahrhunderts (Stolberg: Atlantis, 2012).

OPITZ, Christian Nikolau (ed.). *Die Totenbraut*: Deutsche Vampirgeschichten des 19. Jahrhunderts (Viena: Spiegelberg, 2016).

POLIDORI, John William; SENA, Marina (org.). *O Vampiro*: Edição Comemorativa de 200 Anos. Trad. Marina Sena, Felipe Vale da Silva e Bruno Anselmi Matangrano (São Paulo: Aetia Editorial/Sebo Clepsidra, 2020).

RAUSCHNIK, Gottfried Peter. Die Todtenbraut. In: *Päonien*: eine Sammlung von Erzählungen, Mährchen, Sagen und Legenden. Volume 2. Mainz: Florian Kupferberg, 1820, pp. 194-243.

A noiva morta

DIE TODTENBRAUT

1820

GOTTFRIED PETER RAUSCHNIK

Há muitas horas, o velho conde de Zellenstein caminhava de uma janela a outra, mirando indisposto o horizonte da paisagem dominada pelo castelo, cujos contornos o crepúsculo vindouro já ia cobrindo com seu véu. Leodogar, seu único filho, deveria voltar de viagem naquele dia; sobre si recaíam todas as esperanças do já encanecido chefe de família por uma velhice alegre e pela continuação de sua estirpe; portanto é fácil entender por que cada minuto de espera intensificava a tortura de seu anseio.

Outrora, em uma época de maior robustez, o conde de Zellenstein foi agraciado com três filhos promissores e uma filha adorável, que transformavam, em conjunto com a excelente noiva, sua casa em um paraíso conjugal e familiar. A ele se abria o mais favorável dos panoramas no entardecer de sua vida – um em que ele podia ter a esperança de terminar com um séquito numeroso de netos alegres nos braços de seus filhos afortunados. Para assegurar suas expectativas, ele não abandonou nenhum desses filhos. Por mais brilhantes que fossem as promessas que se lhe faziam na corte e no exército por uma carreira honrosa, recusou o cargo de camarista superior que lhe foi oferecido[1], de modo a não ser limitado por quaisquer dificuldades no gozo de sua felicidade doméstica. Seus filhos deveriam um dia ter um modo de vida semelhante – tal era seu plano.

Essa bela projeção não se concretizaria. Com seu filho mais velho prestes a se casar, de repente a noiva deste faleceu, e logo após o noivo. Não muito depois disso, foi-se o segundo filho e, dali a um ano, a filha. Um véu impenetrável pairava sobre a causa dessas mortes, o que por si só impedia qualquer especulação razoavelmente fundamentada. Os três filhos do conde, como a noiva do filho mais velho, estavam todos bem de saúde ao serem surpreendidos pela morte; nenhum traço de ferimento violento era visível em seus corpos; tampouco qualquer sinal de envenenamento ou de derrame foi identificado nos cadáveres. Os médicos tiveram de admitir que seu conhecimento era insuficiente para identificar a causa da morte daquelas pessoas robustas.

A dor dos infelizes pais frente a essas enormes perdas é algo que só podemos imaginar. A cada novo luto, uma doce esperança se extinguia, e a perspectiva sombria de uma velhice sem filhos se intensificava. Buscaram em vão consolo e tranquilidade; os frios pêsames de seus amigos, muitas vezes advindos unicamente das leis da cortesia, passaram a ser-lhes um incômodo, e só o medo de perder Leodogar, o último filho remanescente, pôde levar a condessa a escrever a um velho tio – cônego em um distante principado eclesiástico[2] –, pedindo-lhe conselhos sobre como evitar a temida perda do então filho único.

O cônego já estava em idade avançada, e sua natureza era, para qualquer um que entrasse em contato consigo, um mistério profundo e inexplicável. Com a vasta renda de suas prebendas[3] e uma fortuna pessoal imensa, ele vivia com a severidade de um monge cartuxo[4] sem, ao que parecia, atribuir qualquer valor a atos de piedade religiosa. Ele possuía uma grande e preciosa coleção de livros, os mais excelentes instrumentos ópticos e mecânicos, um observatório belamente decorado, ricas coleções de arte e tudo que um estudioso e amante da arte pudesse considerar necessário. Ainda assim, nunca uma palavra sobre arte ou ciência escapava de seus lábios; pelo contrário, ele evitava cuidadosamente iniciar uma conversa sobre esses temas. Frio e retraído, teria sido considerado um misantropo por excelência caso um só traço de ressentimento ou aspereza tivesse sido encontrado em suas ações. Não tinha amigos ou inimigos e, com a mesma expressão gélida com que recusava um pedido que não podia nem queria cumprir, prestava favores quando julgava melhor. Ninguém jamais havia notado nele um traço de paixão, e já havia rejeitado duas vezes o posto de bispo. Era considerado um iniciado nas ciências secretas, mas, para fundamentar essa suposição, faltavam dados mais sólidos. Ninguém poderia dizer o que amava ou odiava; sua vida era como uma escrita hieroglífica cuja cifra fora perdida.

Cada vez que uma morte na casa do conde, sob circunstâncias intrigantes, era informada ao cônego, ele dava a mesma resposta lacônica: que os filhos restantes deveriam ser enviados em viagens ou a algum lugar no exterior, já que ficar na casa dos pais não lhes seria apropriado. Esse conselho, sem base em nenhuma causa, nunca foi atendido. Mas então, quando ele escreveu “enviem Leodogar em uma viagem sem demora caso não queiram enterrar o último ramo de sua dinastia com ele”, os infelizes pais foram impactados pelo medo de perder sua derradeira esperança e seguiram o conselho do velho tio de, por mais difícil que fosse para seu coração, separar-se do filho amado, que então partiu em viagem.

Leodogar passara três anos na Suíça, França e Itália quando a desolação de sua casa se tornou tão insuportável para o velho conde que ele pediu ao filho que regressasse. Isso aconteceu apesar da proibição expressa do velho cônego, que

declarara decididamente – Leodogar ainda não tinha permissão para entrar novamente na casa paterna. Os pais, porém, tinham saudades demais do filho para que ele continuasse obedecendo a uma ordem injustificada daquele velho críptico. O conde escreveu a Leodogar, que se encontrava em Nápoles, e incumbiu-o de retornar o mais rápido possível. Leodogar, por sua vez, ficou feliz em atender ao chamado de sua amada terra natal.

Com ainda mais impaciência, e um anseio ainda mais doloroso do que aquele de seus pais, aguardava a senhorita Eugenie, filha adotiva da condessa, pelo retorno de Leodogar. Tendo ficado órfã em tenra idade, foi levada para a casa dos Zellenstein, onde se tornou muito próxima à condessa, e, como criança, foi criada com o maior zelo. A jovem adolescente vinha desenvolvendo aquele encanto raro que, embora não encante à primeira vista, aos poucos acaba por deixar uma impressão mais profunda e duradoura. Seu porte era esbelto como a de um choupo jovem; sua tez trazia aquela fusão delicada de neve-da-montanha e do ardor das rosas[5]; sua voz era do puro metal prateado; seu talhe, animado por emoções profundas, e a boca, indescritivelmente bela. Portanto, com certeza se poderia encontrar todas essas vantagens individualmente em demais donzelas num grau ainda mais suave, mas a fusão admiravelmente harmoniosa de todos esses detalhes no todo imaculado doava a Eugenie uma graça que a tornava irresistível a qualquer homem que a conhecesse. A delicadeza era uma qualidade predominante de seu corpo; delicada no modo de pensar, o mesmo poderia ser dito de sua índole.

Mesmo na primeira infância, ela testemunhou o sofrimento incomensurável de sua mãe amada. Sendo então arrancada, em função da morte, do círculo de seus companheiros de brincadeiras e parentes amados, passou a desfrutar pouco da vida social, criando um mundo ideal em que viveu e com o qual se associou mais do que com o mundo real. Ela timidamente evitava os prazeres inebriantes dos círculos mais abastados; seus sentimentos eram feridos pela futilidade e crueldade da grande massa de nobres, e a solidão tornou-se para si uma necessidade. A condessa de Zellenstein, notando essa inclinação da filha adotiva para o devaneio[6] e temendo suas consequências, não se absteve de fazer o possível para remediá-la. Isso fez com que Eugenie, que apesar de tudo a amava como a uma mãe, vivesse muitas horas sombrias, contra sua vontade. O conde Leodogar, um jovem um tanto enérgico, embora bondoso, conhecia os sentimentos de sua bela prima melhor do que sua mãe e, lançando mão de sua simpatia, esforçou-se por reconciliá-la com suas circunstâncias. Ele se tornou o confidente de Eugenie, seu caro amigo e, por fim, seu amante. Eugenie se apavorou quando percebeu em si certa inclinação para Leodogar, e quis afastar-se dele.

Há muito ela nutria a ideia de ir a um mosteiro para dedicar sua vida exclusivamente à devoção em piedosa autocontemplação. Ela considerava a vida monástica apropriada ao seu estado de espírito, além de altamente digna. Gradualmente assumiu a crença de que não haveria salvação para si além do mosteiro. Ela via seu amor como pecaminoso e procurou combatê-lo. A amabilidade de Leodogar, mais a força do afeto dela por ele, superou a sua força no cumprimento de seu propósito. Ela lutou com o coração sangrando, embora não tenha saído vitoriosa por ter sido obliterada por seu afeto. Assim que ela pôde reconhecer sua essência, tal afeto tornou-se poderoso demais. Antes, sua vontade de realizar o que fora reconhecido como bom sob todas as circunstâncias levou-a a se afastar de seu amado e a esquecer uma paixão que ela considerava repreensível entre os muros sagrados do convento. Com quase quinze anos, ela fugiu para um mosteiro próximo, desejando ser ali admitida. A condessa, profundamente consternada com a fuga e desinformada de qualquer amor por parte de Leodogar, imediatamente conduziu-o ao mosteiro para persuadir que a cara fugitiva regressasse. Ela aprovou o amor de Leodogar, conhecendo o elevado valor moral da donzela e, portanto, desejou vê-la um dia como esposa de seu filho. Ela não queria usar a força sobre Eugenie para dissuadi-la de sua decisão: ela estava acostumada a guiar seus filhos apenas mediante seu amor, deixando então para Leodogar persuadir a jovem de volta.

A pia visionária teve de enfrentar uma dura batalha entre seu suposto senso de dever e sua inclinação, e, se esta venceu no final, foi apenas porque ela acreditou na garantia do amante de que ele nunca poderia ser feliz sem ela, e porque as mortes ocorridas na família Zellenstein até então haviam tornado um dever seu auxiliar os pais enlutados com seu consolo. Quando ela voltou do mosteiro aos braços de Leodogar, disse-lhe: "Estou fazendo, meu amigo, um grande sacrifício em prol de si, uma vez que abandono o único caminho no qual só esperava encontrar a paz para minha alma. Mas não me arrependo caso isso lhe trouxer benefícios. Tenha em mente, porém, e nunca se esqueça de que eu, a pobre e fraca garota, não posso viver sem esforço em um mundo que me é estranho. Se for infiel a mim, você estará roubando todo o apoio da minha vida e romperá meu coração". Leodogar acalmou-a com os votos de amor ardente e, dali em diante, ela cedeu à sua inclinação.

Então, depois de uma separação de três anos de Leodogar, ela aguardava, com doloroso anseio, encontrar o prenunciado. Lágrimas de temor deslizaram de seus olhos quando o dia destinado à sua chegada findou e ele ainda não havia chegado.

Nuvens tempestuosas sombrias haviam se instalado no horizonte naquela tarde – o ar estava opressivamente abafado, um silêncio monótono reinava na natureza, e relâmpagos pálidos isolados vez ou outra iluminavam a escuridão cinza que se

alastrava sobre a terra. Os lustres do corredor foram acesos, e a família permaneceu em silêncio, perdida em uma lúgubre expectativa. Então, o idoso mordomo Hubert, que se aposentara havia tempos, entrou no saguão, pedindo para falar a sós com o conde. O ancião, aborrecido como estava, ordenou ao velho em tom ríspido que expressasse seu pedido, pois não tinha segredos com a mulher e com a sobrinha. Surpreso com a hostilidade pouco familiar de seu mestre, o velho relatou que na antiga cripta da família em uma colina perto do castelo havia sido avistado um estranho brilho, que provavelmente não se podia atribuir a qualquer causa natural, já que todos, sobretudo à noite, evitavam o lugar insólito[7]. O conde vociferou com o velho, chamando-o de sonhador supersticioso. De repente, porém, pausou suas invectivas, pois, olhando na direção da capela funerária, ele próprio avistou o tal brilho. Então passou a ponderar a causa do fenômeno; o velho Hubert olhou para Eugenie e, em seguida, tomado por um horror mudo, virou-se para a porta e saiu pelo corredor. O conde, correndo atrás dele em consternação absoluta, descobriu, não sem muita insistência, que o homem havia visto uma figura sepulcral, envolta em mantos mortuários, no local que Eugenie ocupara.

O relógio da torre já havia batido nove horas e toda esperança da chegada de Leodogar há muito desvanecera, quando então foi possível notar buzinas de postilhão, chicotes estalando e várias lanternas brilhando. Por fim, um coche parou em frente ao portal do castelo. Todos correram para receber aquele que chegava, e Leodogar mergulhou nos braços acolhedores de sua amada.

A alegria do reencontro foi, da parte dos pais e de Eugenie, tão mais intensa quanto mais tempo se esperou em vão pela chegada de Leodogar, vindo por uma estranha coincidência. Seu caminho o levara, a saber, à propriedade de um nobre e, quando ele próprio passou por uma igreja, pôde ouvir nitidamente seu nome ser chamado. Imediatamente estacou, mas, circundando a igreja, não encontrou quem porventura o teria chamado. Já querendo retomar sua jornada – crendo que seus sentidos o tinham enganado – ele ouviu o chamado mais uma vez. Sua busca reiterada foi em vão, embora dessa vez os próprios criados também houvessem escutado aquela voz. Ao partir em retirada sem ter descoberto seu interlocutor, o chamado foi entoado pela terceira vez. A igreja estava trancada, e não havia qualquer outro lugar onde alguém pudesse se esconder; evidentemente ele imaginou que aquele que o chamava se escondera dentro da igreja. Por conseguinte, enviou um criado até o zelador para que pedisse as chaves da igreja. O zelador, um senhor idoso e imperioso, foi até lá pessoalmente e garantiu ao viajante que não haveria ninguém na igreja – que tais provocações provavelmente provinham de espíritos ensandecidos, não tão incomuns por ali desde tempos imemoriais, sobretudo depois de uma jovem que morreu noiva, mais de trinta anos antes, ter sido enterrada na

seção ao fundo da igreja, designada como o mausoléu de sua família. O conde Leodogar pediu que a igreja fosse aberta e que o caixão da jovem lhe fosse mostrado.

O zelador da igreja então deu ensejo a uma longa e maravilhosa história do destino da falecida, após a qual Leodogar questionou, emocionado: "Pobre flor aquela cuja primavera desbota tão cedo! Quem vai compensar para si a parcela perdida do prazer de viver?". Então ouviu-se um gemido profundo e doloroso que pareceu sair do caixão e abalou significativamente todos os presentes. Todos logo deixaram a igreja horrorizados. O zelador pediu a Leodogar um tempo para conversarem, e Leodogar aceitou o convite com a maior boa vontade – ele realmente precisava descansar após o susto que havia tomado. Tanto seu anfitrião quanto ele tentaram explicar os horríveis gemidos assim que seu sangue esfriara, e não hesitaram em tomá-lo pela brincadeira de mau gosto de algum criado atrevido. O chamado por três vezes não pôde absolutamente ser interpretado de forma natural, e por isso o patrono da igreja se agarrou ao dado de que coisas estranhas aconteciam com frequência nas proximidades da igreja.

Essa história, que Leodogar recitou durante a refeição da noite, misturou uma gota de amargura ao cálice de alegria daquele reencontro, já que tanto os pais quanto a noiva pensaram em uma relação infeliz do terrível chamado à vida de Leodogar, o que os encheu de pressentimentos assustadores. O último rastro de alegria se foi quando Leodogar perguntou ao pai por que ele havia montado aquela estranha iluminação do mausoléu e o que as três figuras dançando ao lado dele significavam. O velho conde mirou-o com espanto e devia-lhe uma resposta; a condessa, percebendo o que se passava com o marido, rapidamente desviou a conversa para outros assuntos. Eugenie, por sua vez, estava pálida e absorta, retomando a cor e a fala depois de muito tempo.

Leodogar sentiu-se indizivelmente feliz após seu regresso. Sua amada terra natal, da qual esteve distante por anos, adquiriu novos encantos para si. Ele visitou todos os lugares das brincadeiras de sua infância, todas as paragens favoritas de sua juventude, e a memória de uma mocidade contente que passou por lá embelezava esses locais. Em suas viagens, ele acumulou uma riqueza de conhecimento e experiência, de ideias inovadoras e imagens; sua mente foi treinada, sua imaginação apurada e expandida, seus sentimentos refinados, sua força mental e física fortalecida. Ele tinha gozado da vida no sentido mais nobre possível – tinha entrado em contato com o grande mundo sem perder pureza moral; sido um observador atento e solidário dos fenômenos da vida humana, traçando assim uma filosofia de vida cuja sábia aplicação poderia torná-lo feliz e contente. Naquele momento, ele desejava viver em invejável independência as alegrias simples da natureza, das

Musas, de sua família e do amor conjugal; nada mais era necessário para realizar seu plano que ele já não tivesse ou que teria sido impossível de obter. Nenhum relacionamento se impunha entre ele e seus desejos, nenhuma preocupação de importância o atormentava, nenhum desejo impróprio destruía sua calma: dos braços do amor ele acenava para uma sina feliz.

Os pais deleitaram-se muito com a presença do filho, a quem amavam com uma ternura indizível, visto que só ele restara entre todos os filhos, mostrando-se digno do seu amor. Ele havia amadurecido e se vertido em um homem robusto e vicejante, saudável de corpo e alma, além de possuir uma feliz mistura de temperamentos que doava a todas as suas ações o ritmo adequado. Um senso de humor vivaz e uma disposição serena conferiam ao seu comportamento aquela graça que conquista ao jovem todos os corações – é desnecessário dizer o quanto isso impressionava seus pais.

O fato de Eugenie, a noiva amorosa e querida, ter sido abençoada pela proximidade do querido noivo não necessita de confirmação. Ela era uma daquelas almas gentis que não podem viver sem o apego a um objeto amado. Em sua infância, uma terna mãe preenchia todo o seu coração – a donzela em flor entregou-se totalmente aos sentimentos religiosos e fez da sua padroeira o alvo do seu amor. Leodogar afastou-a disso e da inclinação da moça para seu próprio âmago. O coração dela dividiu-se entre a devoção e o amor, mas este último triunfou; então Eugenie entregou-se tão intimamente que todo o seu ser parecia pertencer a um único sentimento. No entanto, o amor da donzela assumiu o caráter de seu temperamento; ela não era tempestuosa e brilhante, mas mais gentil, compenetrada e sincera – e assim pôs-se a fiar-se à crença na vida eterna. O amor de Eugenie, ao rever o tão esperado Leodogar, não desatou a precipitar lágrimas de alegria; ele não acometia o peito ondulante, não brilhava nos olhos ardentes. Apenas um rubor ligeiramente intensificado cintilava com um brilho suave nas maçãs delicadas do rosto; apenas o tom prateado suave de uma disposição alegre emergia do peito daquele cisne casto; apenas a lágrima de alegria reluzente desenrolava o olho violeta; e aninhada silenciosamente contra seu amado, ela então se rendeu a seus sentimentos até Leodogar surpreendê-la com sua história, despertando seu medo. Suas premonições e pressentimentos sempre foram nutridos por sua tendência predominante para o devaneio; ela gostava de socializar em cemitérios e em meio a sepulturas, vivia mais no futuro (onde moldara para si uma pura vida da mente) do que no presente, para o qual raramente encontrava um lado bom. Além disso, muitas vezes misturava lágrimas de nostalgia melancólica com seus prazeres, pois, a partir delas, a alegria pura de um riso parecia quase bárbara. Leodogar amava Eugenie com ternura, sem compartilhar daquilo que ela sentia; tudo se mostrava a

ele apenas sob a luz rosada da alacridade; ele encontrava-se em paz com a natureza e com as pessoas, e sua alegria seguia imperturbada por qualquer antipatia.

Mesmo aquele entusiasmo beirando a melancolia de Eugenie não lhe afetava os sentimentos rudemente. Ele considerava seu ânimo apropriado para o gentil coração feminino que ainda não encontrara uma esfera de atividade na vida doméstica, esperando que o excesso de sentimentalidade desaparecesse por si só no casamento, quando os deveres de esposa e mãe se tornassem deveres dela – aí ela se sentiria indescritivelmente feliz com o pensamento de seus bens. Mas quem se encontraria em sua posição e não amaria a donzela tão ricamente adornada com as mais belas qualidades de mente e coração, assim como com encantos físicos? Com tal pureza da alma, tal delicadeza das sensações, tal riqueza da mente, combinada com tanta bondade, Eugenie conquistaria o coração de qualquer homem. Leodogar adorava sua bela noiva e ansiava pelo momento em que a uniria a si para sempre. Ele queria marcar o dia do casamento para breve, mas a isso tanto seus pais quanto Eugenie se opunham. Eles não queriam violar o decoro, de forma que a cerimônia de casamento foi adiada para dali a três meses. Esse tempo pareceu uma eternidade ao amante, mas o adiamento de sua felicidade não lhe era insuportável, já que nenhum instinto de sensualidade selvagem o estimulava, e ele gostava do tempo em que convivia com a noiva.

Um mês inteiro se passou para os amantes sob sentimentos alegres, e cada hora de sua união praticamente constante tornava ainda mais um o preferido do outro. Com o maior júbilo, os pais de Leodogar constataram como tal confirmação, cada vez mais íntima, da bela aliança lhes asseguraria uma velhice feliz e deram graças ao seu destino – que, depois de tanto luto, ainda assim lhes prometia uma rica colheita de alegrias para o futuro. Essas quatro pessoas afortunadas estavam tão satisfeitas em suas relações, e suas perspectivas de alegrias num futuro próximo ocupavam-nas de forma tão exclusiva que qualquer visita que tivessem de fazer ou aceitar por imposição de sua posição social causava certo incômodo. Sua fortuna silenciosa não admitia testemunhas incapazes de participar ali de alma plena, de forma que elas restringiram todas as relações sociais, até onde fosse possível, a uns poucos amigos leais que gozavam de sua satisfação com um coração sincero.

Por esse motivo, a família não se sentiu de todo contente quando, certa vez, sentada no caramanchão do jardim tarde da noite, uma dama estrangeira os mandou chamar e pediu abrigo pela noite – isso porque sua carruagem de viagem havia quebrado não longe do castelo. Quiseram levantar para receber a estrangeira, mas esta já havia se precipitado, seguida por seus criados, arvoredo adentro, pondo-se no meio do casal de condes. Envolta em longos e largos véus, a figura daquela dama pareceu quase fantasmagórica sob o crepúsculo sombrio da noite, despertando um

tremor involuntário em todos. A escuridão não permitia mais reconhecer os contornos e os traços de seu rosto, mas quando ela se pôs a falar, o que se ouviu foi uma voz encantadora e melodiosa – ouviu-se expressões seletas que não punham dúvidas acerca de sua nobreza. O velho conde perguntou seu nome para poder lhe dar mostras da honra que ela merecia; ela se chamava marquesa de Val Umbrosa[8], vinda dos Estados Pontifícios.

Embora a família Zellenstein sentisse que sua cômoda tranquilidade havia sido interrompida temporariamente com a chegada da distinta estrangeira, imperava naquela casa muito da verdadeira hospitalidade e muita boa vontade para que estranhos logo notassem, do modo mais remoto, que seriam bajulados em uma visita. O conde e a condessa apressaram-se em deliberar as ordens necessárias em prol do conforto da hóspede, pedindo à marquesa que se sentisse em casa. Conduziram-na ao castelo, onde acabava de ser preparada a mesa de banquete.

Ao se entrar no salão de jantar e ver o brilho das velas alumiando a estrangeira, podia-se perceber um rosto surpreendente por sua beleza incomum. Esperava-se ver nela a tez morena das italianas, mas ela tinha a coloração delicada de uma mulher do Norte – apenas seus olhos eram negros, como os da maioria das damas romanas; ademais, ela detinha o porte orgulhoso de seus compatriotas. A marquesa soube conquistar todos os membros da família por meio de sua conduta e logo ganhara o coração de todos. Os bons modos não permitiam que ela fosse questionada acerca de suas origens, de suas circunstâncias e do propósito de sua viagem, mas ela acomodou o desejo de seus anfitriões de descobrirem algo a respeito, dizendo o seguinte:

Sua mãe nasceu na Alemanha. Ela perdeu o esposo – ele era o último de sua linhagem – logo após o casamento, tomando posse de uma vasta fortuna. A vontade de conhecer a pátria de sua mãe, pela qual tinha grande carinho, seria a motivação de sua jornada; ela havia decidido visitar as cortes alemãs mais distintas e estava a caminho de Berlim – da propriedade dos Zellenstein até lá ela ainda tinha mais de quarenta milhas a percorrer.

A condessa de Zellenstein sentiu-se inspirada a sugerir à amável estrangeira que descansasse alguns dias por ali. Ela aceitou de bom grado, já que, como assegurou, realmente precisava descansar. A breve conversa durante o jantar fora suficiente para convencer todos os membros da família de que a presença da estrangeira, em vez de interferir nas tranquilas alegrias domésticas, proporcionaria certa variedade a elas, incrementando-as. Assim, consideraram bem-aventurada a sua companhia.

Quando a família se reuniu na manhã seguinte para o café da manhã, a marquesa mencionou que, ao examinar sua bagagem, deu-se conta de ter perdido uma caixa contendo joias de valor significativo e papéis importantes da família. Já que não poderia ter sido perdida ou roubada, provavelmente fora deixada em seu local de estadia anterior em uma cidade austríaca enquanto faziam as malas – assim, ela deveria enviar todos os seus servos lá para buscar a caixa e, caso estivesse mesmo perdida, buscar auxílio judicial para reavê-la. As medidas a se tomar foram aprovadas, e ela foi consolada pela perda que, aliás, não parecia incomodá-la tanto.

As coisas não foram tão tranquilas na casa dos Zellenstein enquanto a marquesa esteve ali presente. O decoro exigia que fizessem companhia à dama; então eram convocados mais uma vez e se empenhavam para conhecer mais a graciosa estrangeira. Todas as pessoas de nascimento igualmente nobre naquela casa queriam participar dos assuntos dela, e assim se seguia festa após festa, da qual a *signora* Val Umbrosa sempre era a rainha. Lá, fosse nos corredores bem iluminados, girando em uma dança rápida, ou então entre uma seleção dos rapazes mais espirituosos onde era homenageada como uma princesa, aquele parecia ser o seu ambiente – ela encantava cada coração masculino, despertando em cada mulher inveja, mas também admiração. As Graças pareciam servir-lhe em sua toalete, cingido-a com a cinta de Cípria[9]. Um Gardel[10] teria perdido para sua dança, uma Ninon[11] teria se curvado à sua perspicácia, e se ela se parecesse com um Beaumont[12] em termos de decência e estrito comportamento moral, parecia possuir a despretensão de uma donzela em flor que nunca pensou em impressionar o coração de um homem.

Eugenie, que sempre estava nas proximidades, aparentemente passou a aparecer sob uma luz desfavorável. Ela sempre detestou celebrações extravagantes, e agora duas vezes mais, já que elas se amontoavam em cima dos dias felizes de seu amor e afastavam seu amado de si por muitas horas. A italiana era muito superior a ela em termos mundanos – de prazer pela vida e das sedutoras artes femininas, que se calculam com base no agrado –, da mesma forma que a violeta delicadamente perfumada é comparada a uma rosa resplandecente, que reivindica o prêmio entre todas as flores do jardim.

O período designado para a estada da marquesa na propriedade dos Zellenstein passou, mas seus criados ainda não haviam retornado. Naturalmente, dadas as circunstâncias, solicitaram que ela estendesse sua presença, e, naturalmente também, ela aceitou o convite. A propósito, o conde, sua esposa e Leodogar ficaram muito satisfeitos com a estadia mais longa de sua encantadora convidada. Apenas um rosto se obscureceu, um par de olhos se turvou vez ou outra à presença da estrangeira. Contudo, ninguém o percebeu, pois a suave melancolia de seu rosto

dificilmente parecia distinguir-se da serenidade de uma alma quieta e humilde, de modo que era assim que todos a viam. Eugenie percebeu com nitidez os olhares ardentes que a italiana lançava sobre Leodogar; viu como este último era atingido por tais olhares, baixando os olhos para o chão, para depois os erguer e os fazer deslizar sobre o talhe perfeito da estrangeira. Não lhe escapou como ele foi voluntariamente dominado pelos encantos da marquesa, tornando-se distraído e pensativo; disso ela não esperava nada de bom. Entretanto, nobre demais para reclamar do sentimento de seu amante – que era natural a ponto de ser perdoável –, e bondosa demais para ofendê-lo com ciúmes, ela se trancou em seu medo e passou a controlar seu comportamento de forma a nada revelar sobre o que se passava consigo.

Quando Leodogar ainda era um menino, a filha de um magistrado, que perdera os pais muito cedo, foi entregue aos cuidados do pastor pelo presbítero. O conde Zellenstein e sua família estavam ligados à Igreja Católica, embora a maioria dos residentes de seu domínio fosse luterana, incluindo o pastor, que, considerado pelo conde como um clérigo digno, frequentemente ia ao castelo na condição de hóspede bem-vindo. A pedido expresso do conde, ele às vezes trazia consigo seus filhos disciplinados, inclusive Emilie, a filha pequena do magistrado. Assim desenvolveu-se uma familiaridade entre os filhos do conde e os do pastor, que crescia a cada dia e acabou rendendo uma amizade íntima que perdurou mesmo quando todos já eram adultos.

Desde o início, a pequena Emilie se mostrou ligada ao jovem conde Leodogar, que, por sua vez, não recuou por qualquer frieza, provocação ou devassidão e que, por pouco que tenha feito no início, terminou sendo lisonjeiro. Sua inclinação silenciosa, que nunca degenerou em intrusões, cresceu com o passar dos anos e, embora Emilie se afastasse mais de Leodogar como uma donzela perspicaz, seu amor por ele aumentava – e tanto mais ela teve de se ensimesmar. Por mais que ela pudesse aceitar a diferença de estamento entre si e o jovem conde, ainda nutria uma esperança secreta de um dia tornar-se sua, que alimentava por uma imaginação vivaz capaz de diminuir todos os obstáculos que a impediam de ligar-se a ele.

Leodogar, então um garoto de dezenove anos, tocado pela ternura muda (embora eloquente) de Emilie, esteve a ponto de retribuir seu amor, quando então apareceu Eugenie e tomou para si seu afeto. Emilie perdeu toda a esperança, por fim, deixando-se consumir por uma dor silenciosa. Quando Eugenie partiu para o mosteiro, os desejos de Emilie despertaram mais uma vez; sua esperança foi renovada. Porém, quando Leodogar, suplicante, induziu Eugenie a retornar e retribuir seu amor – quando ela mesma expressou os sentimentos pelo amado como infinitos –, o coração da pobre Emilie se partiu. A dor amorosa que suportara em

silêncio por tanto tempo arruinou sua sanidade, e ela retomou as noções, ideias e atitudes da infância.

A loucura de Emilie era pacífica contanto que ela fosse deixada em liberdade. Ela vagava pela região, perdida em si mesma, como se estivesse pensando sobre algo com afã, parecendo completamente intocada por quaisquer impressões do mundo exterior. Ocasionalmente, ela se aproximava das pessoas, questionando-as repetidamente: “Não é mesmo que ela é mais bonita e melhor do que eu, e por isso ele só pode amá-la?”. E então irrompia em um leve choro. Isso dava testemunho da beleza de sua alma, que nem mesmo a loucura poderia destruir por completo – ela não odiava sua afortunada rival, mas antes gostava de sua companhia e se deixava repreender por Eugenie mais do que por qualquer pessoa, dando-lhe ouvidos quando a proibiam de fazer algo impróprio. Porém, ela delirava no sentido de Eugenie não ser uma pessoa, mas um espírito desencarnado que só assumiu a forma humana para que Leodogar pudesse amá-lo. Além disso, o cuidado que ela tinha em se vestir bem e decentemente era um testemunho da delicadeza primordial de sua disposição. Outra coisa notável a seu respeito era o fato de sua loucura lhe abrir todo um novo sentido interior, que às vezes se expressava com efeitos completamente incompreensíveis. Por isso, muitas vezes ela previa algo que um senso saudável certamente não poderia ter previsto. Ou então, às vezes, ela sabia exatamente o que estava acontecendo longe de si, e não raro descobria coisas profundamente ocultas com grande clareza. Eugenie tolerava de bom grado a infeliz, pois ela parecia fazer-lhe bem, e quando Leodogar voltou de suas viagens, ela foi autorizada a continuar visitando-o, desde que se calasse e se ocupasse apenas de seu violão ou de brincadeiras infantis, o que a levava a se sentar aos pés de Eugenie ou Leodogar.

A chegada da *signora* Val Umbrosa, que ocasionou uma série de festanças e visitas, separou Emilie de Eugenie e Leodogar por vários dias, deixando-a muito triste. Ela fez várias tentativas de contato com aquelas duas pessoas queridas, e, quando isso não era possível por causa da presença de estranhos – algo que sempre evitou –, invariavelmente voltava para casa triste. Por fim, certa manhã ela foi ao jardim do palácio, onde encontrou os namorados sentados em um caramanchão. A marquesa, que costumava ser a terceira pessoa entre eles, ainda não havia se levantado, pois, seguindo o costume italiano, dormia muito. A louca saudou os amigos com uma alegria infantil, fazendo gentis objeções ao distanciamento deles. Eugenie lhe disse que uma estrangeira estava no castelo e que ela teria que se acostumar com aquela presença caso quisesse estar perto de seus amigos. “Ai”, respondeu ela, “ficarei feliz em aguentar tudo se pelo menos puder ficar com vocês.”

Ela já havia ido ao castelo em diversas ocasiões sem ainda ter conhecido a estrangeira, pois só escolhera as primeiras horas da manhã para as suas visitas, quando ainda não era possível ver a italiana. Certa vez, porém, foi impedida de ir tão cedo como de costume, chegando lá tarde e encontrando a marquesa sentada entre Leodogar e Eugenie. Mal Emilie se aproximou dos três quando avistou a estranha com olhos selvagens, caindo ao chão com um berro. Tentaram reanimá-la, e quando, por fim, ela abriu os olhos, logo cobriu o rosto com as duas mãos e gritou: “Ai de vocês! Como conseguem ficar perto desse fantasma, que estende as garras até seus corações para separá-los?!”. A italiana lançou um olhar ameaçador para Emilie e disse: “É de bom-tom que eu me afaste daqui, onde podem me insultar impunemente”. Leodogar respondeu: “Não se zangue, *signora,* ela é uma pobre louca que, pelo menos, não a insulta deliberadamente”. “Sim, estou louca”, disse Emilie, “mas isso não me impede de ver que aquela mulher horrível traz a desgraça em seu encalço.” A marquesa então deixou a sala em silêncio, desgostosa. Eugenie tentou convencer Emilie a desistir das concepções de sua imaginação atiçada, mas esta balançou a cabeça e disse: “Mas olhem para ela com atenção! Vocês verão os traços de sua morte; não sentem o bafejo de podridão que sopra dela? Ai, eu imploro, fujam dessa cobra com lindas escamas que está incubando seu declínio!”. Leodogar disse que ela não poderia mais acompanhar a si e a Eugenie, uma vez que se permitia proferir tal abuso contra uma estranha; ele igualmente a aconselhou a ficar longe enquanto estivesse presente a senhora – se é que ela tivesse amor pela própria vida. “Ai, não tenho medo por mim”, respondeu ela, “pois se ela pudesse me matar, não seria um grande infortúnio; mas ela estende sua mão podre e defunta em direção a suas vidas verdejantes – isso é o que me preocupa. Mas eu também posso ficar e me calar na companhia dessa horrorosa – só não me proíbam de estar entre vocês!”

A *signora* Val Umbrosa demonstrou claro desgosto por Emilie e pediu que a removessem dali para sempre, pois nada seria menos agradável do que o olhar de uma louca. Mas Eugenie respondeu com firmeza: “Esta pobre mulher é minha amiga; apesar de sua loucura, ela encontra alento para sua dor indizível em nossa companhia. Espero, sra. marquesa, que seus sentimentos me desculpem se eu não roubar à pobre o último consolo que lhe foi deixado neste mundo solitário”. Como Leodogar também concordou com essa afirmação, a dama acabou aceitando ter Emilie por perto.

Emilie então encontrava a estranha com mais frequência e a observava num profundo silêncio; sendo ela tímida, porém, sentava-se com algum afazer feminino, algo que nunca fizera anteriormente. Ou então ela cantava uma música com seu violão – alguma que se relacionasse principalmente com o estado de seu coração e

que fazia seu peito se sentir muito aliviado. Então pediam-lhe para tocar algo, mas em vão: ela apenas balançava a cabeça silenciosamente a cada pedido. Quando foi pressionada com mais intensidade para descobrir o motivo pelo qual se recusava tão obstinadamente a cantar, ela disse baixinho: “Como posso cantar quando a morte está na sala? Isso seria um sacrilégio que me custaria muito e poderia até me fazer enlouquecer!”. Eugenie perguntou: “E onde está a morte?”. Ela respondeu: “Você não vê? Lá está ela sentada ao lado de Leodogar. Claro que ela traz uma cobertura muito graciosa, e vocês, cegos, deixam-se enganar. Mas ela não me engana: só consigo ver a caveira sorrindo através dessas feições sorridentes!”. Eugenie olhou ameaçadoramente e colocou o dedo na boca, mas então uma lágrima caiu e, para escondê-la, rapidamente deixou o aposento.

A inclinação de Leodogar pela marquesa aumentava a cada dia e era notada por todos. Os pais o alertaram, sua noiva pranteou; ele, porém, a princípio se enganou sobre a natureza de seus sentimentos e, quando não pôde mais duvidar deles, esforçou-se para enganar os seus entes queridos fingindo estar sendo apenas amigável, e que se ligara à estrangeira apenas em função de sua conversação espirituosa. Ninguém o contestou, esperando que sua melhor natureza prevalecesse em meio a essa confusão; mas ele ficava cada vez mais cativado pelos encantos da romana e já conseguia, sem corar, fazer comparações entre Eugenie e a marquesa em plena consciência – a primeira, é claro, passou a parecer menos favorável a seus olhos. Eugenie, notando-o, abriu mão de tudo, para sempre. A dor que se apoderou de si com a perda de Leodogar consumiu-a fatalmente, logo naquele terno início da vida; a dor roçou seu rosto e uma palidez mortal o turvou. Seu andar habitualmente flutuante tornou-se vacilante; a tristeza quebrou uma pétala atrás da outra em sua coroa, e ela visivelmente estava se precipitando para um túmulo em breve. Entretanto, nenhuma reprovação saiu de seus lábios – nenhum olhar sombrio – nenhuma lágrima caiu na presença do infiel. Ela suportou sua dor em silêncio e era uma imagem comovente de rendição silenciosa. A condessa chamou a atenção do filho para a figura esvaecida de Eugenie, declarando-o como resultante de sua frieza, mas ele foi malévolo o suficiente para dizer: “Se Eugenie está doente por ciúmes, então não é boa o bastante para ser minha esposa, pois ela fará a mim e a si infelizes. Se ela sofre de debilidades físicas com as quais a medicina não pode lidar, tanto pior, porque a continuação de nossa estirpe depende de meu casamento”. A mãe o deixou, profundamente indignada, não dando continuidade às suas intervenções, já que ele tinha razão, de forma terrível, naquele julgamento de raciocínio frio e calculista.

Ao conde e à sua esposa, a ideia de seu filho se casar com a marquesa Val Umbrosa, a quem inicialmente rejeitaram com despeito, logo se tornou mais

tolerável, já que adorariam carregar netos em seus colos. Assim, eles superaram a relutância que nutriram pela marquesa desde o momento em que ela afastou o coração do filho de Eugenie, passando a tratá-la amistosamente. Desde o aparente declínio em suas forças, Eugenie não parecia mais nutrir pretensões por Leodogar; pelo contrário, ela até concedeu a candidatura à estrangeira. Leodogar, em contrapartida, vez e outra quis iniciar uma conversa com Eugenie sobre a questão, porém ela gentil, mas firmemente, rejeitou todas suas justificativas, usando sua fraqueza como pretexto para tal. Ela tampouco evitava a companhia de Leodogar e da estrangeira, e mesmo Emilie aparecia ficar mais silenciosa a cada dia.

Leodogar, cujo estado de espírito às vezes se tornava muito instável, como é o caso de qualquer pessoa com a consciência pesada, em uma ocasião insistiu impetuosamente que Emilie cantasse uma canção. Ele se recusou a aceitar um não, pondo-se a esbravejar até que ela se levantou de sobressalto e exclamou: "Bem, você está me forçando a cantar – é você quem perde se meu canto cair sobre você como um mau agouro!". Ela buscou o violão de outro aposento (onde esteve guardado sem uso por muito tempo), golpeou sobre as cordas acordes selvagens e então cantou quase sem tonalidade uma canção cujo conteúdo era uma advertência contra a malícia da italiana, a quem ela chamava de "demônio sanguinolento".

Quando ela terminou de cantar, a marquesa lançou-lhe um olhar penetrante que fez até Leodogar estremecer. Emilie, por sua vez, endireitou-se e exclamou: "Olhe para mim com ameaças e me mate, se puder; eu não tenho medo de você, seu fantasma infernal! Eu só apelo para os iludidos que se deixam enganar por seu invólucro e não conseguem contemplar a ruína que chega às pressas!". Então pegou seu violão e quebrou-o no chão, dizendo: "Quebrem, cordas insípidas! Nunca mais precisarei de vocês, já que não conseguiram abrir esses corações!". Em seguida deixou o aposento, soluçando. A italiana reclamou com Leodogar sobre o insulto que mais uma vez recebera da louca, e ele prometeu que Emilie nunca mais seria admitida no castelo.

Eugenie, testemunha ocular dessa cena, ficou profundamente abalada. Ela desconfiava de algo insólito sem saber como expressar tal suspeita. Ela sentiu sua força vital se exaurir e, convencida de que o fim estava próximo, solenemente devolveu suas reivindicações por Leodogar à mãe dele. Pediu que a levassem a um mosteiro para que pudesse passar suas últimas horas de devoção sem perturbação. Seu desejo foi atendido e, sem se despedir de Leodogar verbalmente, foi levada, carregada nos ombros de criados de confiança. Choraram por ela muitas pessoas necessitadas ante quem ela sempre fora um anjo prestativo. No dia subsequente à partida de Eugenie, o tão esperado cônego finalmente chegou – sua volta havia sido atrasada em função da eleição de um novo bispo. Ele era então um ancião de oitenta

anos, e todo o seu ser pertencia a tempos havia muito idos, dos quais ele ocasionalmente, no presente, despontava como um estranho exótico. A cabeça soberba envolta em cachos prateados erguia-se, tal qual um pico nevado sobre os Alpes, acima da maioria dos membros vivos de sua linhagem, e parecia zombar do tempo que tudo destrói, mas não deu conta de fazer prostrar sua potente cérvix ao solo. Um par de olhos flamejantes brilhava naquele rosto enrugado – cada um dos quais parecia penetrar o âmago de quem mirava. Seu brilho radiante era algo que só um homem decente poderia suportar.

Logo após sua chegada, ele pediu à condessa que lhe contasse a história do amor de Leodogar por Eugenie e, desgostoso, balançou a cabeça anciã. Em seguida, foi até o convento onde Eugenie se encontrava e, depois de conversar consigo, pediu que também Emilie fosse trazida – com ela conversou por um longo tempo, sozinhos. Por sorte, o jovem conde e a estrangeira não estavam presentes quando o cônego chegou; ele até mesmo evitou encontrá-los por alguns dias. Por fim, quis vê-los e foi ao parque por onde estavam passeando. Deparou com eles quando saíam de um caminho sombreado por árvores e entravam em um descampado ensolarado. Leodogar teve vontade de abraçá-lo, mas o cônego relutou, lançando um olhar severo e punitivo para o casal. "Quem és tu?", inquiriu à trêmula marquesa, "uma alma penada é o que não és; pois, fosse tal, não poderias me enganar com teu invólucro. Também não podes pertencer aos vivos, pois a sombra parcial e pálida que o teu corpo projeta o atesta. Em nome de Deus, diz-me quem és!"

A marquesa empalideceu; justo naquele instante uma nuvem cobriu o sol, então ela se aprumou e disse: "Eu jamais teria imaginado que me tornaria objeto de ridículo e aversão neste lugar; ora sou um fantasma, ora coisa insólita; ora sou maltratada por loucos, ora por velhos desvairados; é esta a tão elogiada hospitalidade dos alemães?". Então Leodogar tomou a palavra e pediu a seu tio que tratasse aquela dama como sua noiva amada e, como tal, mostrasse-lhe o respeito do qual ela era, com justiça, merecedora. "Garoto", exclamou o cônego com raiva, "dizendo-me o que devo fazer!? Logo se esclarecerá quem ela é." Ele foi embora em silêncio, fechando-se em seus aposentos.

No dia seguinte, veio do mosteiro a notícia de que Eugenie havia falecido. O conde e a condessa lamentaram o empalidecer precoce daquela delicada flor; lamentaram que um destino hostil a tivesse impedido de associar-se a Leodogar. O cônego, presente nessa declaração, exclamou: "Não acuse o destino, mas a tolice de seu filho; não aquele, mas só este causou a morte da pia garota. Apesar disso, eu não queria culpá-los agora, pois, como diz-me um vago pressentimento, outro duro golpe os atingirá!". O casal de condes ficou muito abalado com tal declaração oracular. O cônego, contudo, pediu-lhes que ficassem quietos e aceitassem

resignadamente aquilo que não podiam mudar, visto que uma grande desgraça muitas vezes tem de acontecer para prevenir outra ainda maior. Aquele foi um consolo doloroso, que não conseguiu acalmar os corações hesitantes dos pais ansiosos.

O cônego não comunicara aos pais de Leodogar seu ceticismo acerca da humanidade da estrangeira, disposto a evitar que o medo deles excitasse algo inesperado. Ele, por sua vez, trancou-se e passou um dia entre os manuscritos que trouxera consigo. Na mesma noite, depois de pesquisar intensamente, ao que parece, ele foi ter com os pais de Leodogar e questionou-os acerca da tal estrangeira. Os dois haviam saído para um passeio e ainda não haviam voltado, embora já fosse tarde. Os pais expressaram preocupação ante a possibilidade de um acidente ter acontecido com eles, quando de repente Emilie entrou correndo na sala com os cabelos desgrenhados e os olhos arregalados, gritando: “Salve o seu Leodogar, o fantasma vai matá-lo!”.

“Deus”, exclamou o conde, “ele não está presente; onde devo procurá-lo?”

“Negativo”, disse Emilie, “ele está aqui no castelo. Apresse-se, o monstro já puxa o fio de sua vida e logo o romperá.” Ela então pegou um castiçal e a mão do cônego, pondo-se a sair. O prelado a amainou e disse: “O que relatas é verdade. Mas como irás tu, criatura fraca, lutar contra um mensageiro dos poderes abismais?”. Ele entrou em seus aposentos e voltou imediatamente com uma tocha acesa, acompanhando, junto ao conde, a garota que seguira adiante. Todos foram ao quarto do jovem conde, e o cônego, segurando a tocha, foi o primeiro a entrar.

Leodogar jazia despido na cama, e, curvado sobre ele, com a cabeça apoiada em seu peito, havia uma figura humanoide envolta em mortalhas. O cônego foi até a cama e tocou a figura com um anel. Ela, gemebunda, endireitou o corpo e encarou o cônego com olhos opacos. A figura era a mais horrível de se olhar – todos os traços do rosto incolor estavam rígidos, sem vida; os olhos eram mortos e sem brilho; a boca sem lábios estava ensanguentada, e o manto cadavérico estava manchado com algumas gotas de sangue. “Quem é você, monstro que invade as casas de paz e para elas leva assassinato, alimentando-se do sangue de seus corações?”, questionou o cônego. “Você, poderoso, bem sabe”, respondeu a terrível criatura com voz rouquenha.

“Quem lhe deu o poder de aproximar-se deste homem para deteriorá-lo?”

“A maldição de meu ancestral foi pronunciada sobre esta família e sobre seu pecado.”

“Foi assim que você dizimou os outros ramos desta árvore genealógica?”

“Sim.”

“Qual é a localidade onde seu corpo amaldiçoado está enterrado?”

A figura não queria responder, então o prelado retrucou em voz alta: “Devo proferir sobre si a palavra que subjuga os espíritos? Mais uma vez pergunto: onde está a tumba que guarda seu receptáculo?”.

Com um suspiro profundo, a criatura fantasmagórica respondeu: “Na igreja de Palmensee”[13]. Só então o monstro conseguiu se desvencilhar dos imperativos do cônego, que em seguida foi até Leodogar e tentou reanimá-lo de sua profunda síncope. Isso foi feito com muito esforço e, quando finalmente abriu os olhos, sentiu-se exausto. Foi encontrada uma ferida em seu peito, que a noiva sinistra fizera depois de colocá-lo para dormir e da qual sugou seu sangue. Médicos foram trazidos com a maior pressa para restaurar o jovem conde e socorrer seus pais aterrorizados; a vida fugidia do jovem, porém, só conseguiram conter por mais algumas horas. Por seu cadáver os desolados pais choraram no dia seguinte.

O cônego providenciou o funeral de seu sobrinho, buscando acalmar o casal infeliz pela perda do último – ai deles! – e querido filho. Seus esforços surtiram pouco efeito. Mais sucesso que ele obteve Emilie, cuja insanidade havia desaparecido até o último vestígio e que então passou a ficar sempre perto dos velhos sem filhos para chorar consigo a morte de Leodogar, consolando-os. Foi bom para os corações empobrecidos ter um ser solidário ao seu encalço – alguém que chorasse pelo mesmo objetivo, que honrasse e compartilhasse sua dor, e talvez Emilie fosse a única capaz de livrá-los do desespero.

Quando o cônego sentiu que sua presença com o casal de condes tornara-se desnecessária, foi até Palmensee para confirmar o ardil mais pernicioso da vampira que assassinou seu sobrinho – e, como era de se suspeitar, que igualmente assassinou os irmãos deste a fim de acertar suas contas. Ele mandou abrir os caixões do mausoléu, com o aval do bispo, e encontrou em um deles um corpo no qual não era visível o menor vestígio de decomposição, embora tivesse permanecido na cripta por mais de trinta anos.

Então era aquele o terrível monstro que não pertencia nem à vida nem à morte; a quem fora permitido o retorno do tenebroso reino da putrefação para que se alimentasse do sangue dos vivos e se nutrisse de flores frescas da juventude a fim de inibir a destruição do próprio corpo. O prelado mandou que cravassem uma estaca no peito da fera, e sangue quente jorrou da ferida. Então cremou-se o cadáver, e a maldição, que um destino funesto depositara sobre aquele corpo morto – embora não inteiramente morto –, foi destruída.

Das Ende

MUITO OBRIGADO POR APOIAR ESTA CAMPANHA!

A Noiva Morta, conto raro em formato digital, é um brinde gratuito a todos os apoiadores da campanha e foi alcançado como uma meta estendida.




1 Cargo reservado às pessoas da alta nobreza para servirem diretamente ao rei ou imperador, como seu braço direito. *(Esta e todas as notas subsequentes são do tradutor.)*
2 No original, *Hochstift*. No Sacro Império Romano-Germânico, referia-se a um certo território cujo líder máximo era um bispo, não um príncipe.
3 Rendimentos próprios de altos cargos do clero.
4 A Ordem da Cartuxa é uma ordem semieremítica, de orientação contemplativa, estabelecida por São Bruno em 1084.
5 No original, *Blütenschnee*, planta nativa da América do Norte de nome científico *Euphorbia marginata*. Possui uma flor cujo período de brotação se dá antes de a neve do inverno derreter por completo, daí seu nome popular. Foi catalogada pela primeira vez durante a Lewis and Clark Expedition (1803-1806), duas décadas antes da escrita do conto. É bastante improvável que houvesse muitos exemplares da planta disponíveis na Europa.
6 No original, *Schwärmerei,* uma das palavras-chave do tipo psicossocial do indivíduo romântico, popularizado pela própria tendência literária da qual Rauschnik fez parte. Designa pessoas mais propensas a arroubos sentimentais, alta imaginatividade e inabilidade em se adaptar às convenções sociais.
7 No original, *unheimlich*, conceito singular da tradição de horror alemão, cujo uso programático se inicia três anos antes do lançamento de Rauschnik, com as *Nachtstücke* de E. T. A. Hoffmann (1776-1822).
8 Val Umbrosa é uma abadia na região da Toscana, Itália. Rauschnik usou essa grafia nas duas primeiras menções ao nome (*Päonien: eine Sammlung von Erzählungen, Mährchen, Sagen und Legenden.* Volume 2. Mainz: Florian Kupferberg, 1820, pp. 215 e 219), mas erroneamente o grafou “Val Unbrosa” da terceira ocorrência em diante. Mantivemos a primeira grafia.
9 Alcunha dada à deusa Afrodite.
10 Maximilien (1741-1787) e Pierre Gardel (1758-1840) foram dois dançarinos franceses de renome.
11 Na corte de Louis XIV da França, dizia-se que Ninon de Lenclos (1620-1705) era mestra da eloquência.
12 Provável referência a Francis Beaumont (1584-1616), dramaturgo da Renascença inglesa, famoso por suas peças de fundo moralizante e contribuições com John Fletcher (1579-1625).
13 *Palmensee* significa “Lagoa das palmeiras”, o que, como localização europeia, certamente é fictícia. Palmeiras crescem em território europeu somente na praticamente inabitada ilha Capraia (ligada à província de Livorno, Itália) e em Côte d’Azur, na França.

Table of Contents

mobiebook

Table of Contents

mobiebook